

Hannah Arendt, os refugiados venezuelanos e a pandemia

Hannah Arendt, Venezuelan Refugees and the Pandemic

FELIPE LUIZ GOMES FIGUEIRA*

Resumo: O presente artigo traz um diálogo entre Hannah Arendt, os refugiados venezuelanos e a pandemia. Para tanto, tendo como norte o pensamento da filósofa alemã, serão analisadas situações que perpassam o século XX, como a perseguição aos judeus, e situações do século XXI, mormente as que atingem os refugiados venezuelanos. Junto à análise teórica, este trabalho traz, também, experiências de campo do autor junto aos venezuelanos, desenvolvidas e visualizadas através de fotografias. Além desses aspectos, também será analisado como a pandemia do novo coronavírus pode afetar ainda mais a condição dos refugiados.

Palavras-chave: Hannah Arendt. Refugiados venezuelanos. Pandemia.

Abstract: This article presents a dialogue between Hannah Arendt, Venezuelan refugees and the pandemic. In this way, we did take the German philosopher's thinking, to analyze situations that spaned the 20th century will be analyzed, such as the persecution of Jews, and situations of the 21st century, especially those that affect Venezuelan refugees. Along with the theoretical analysis, this work also brings the author's field experiences with Venezuelans, developed and visually registered through photographs. In addition to these aspects, it will be analyzed how the new coronavirus pandemic can further affect the condition of refugees.

Keywords: Hannah Arendt. Venezuelan refugees. Pandemic.

* Felipe Luiz Gomes Figueira é Doutor em Educação. Professor no Instituto Federal do Paraná (IFPR) – Campus Paranavaí. Contato: felipe.figueira@ifpr.edu.br

Introdução

Para explorar Hannah Arendt, os refugiados venezuelanos e a pandemia, este artigo partirá de dois trabalhos da pensadora, “Nós, os refugiados” e “As origens do totalitarismo”. Todavia, o presente artigo não se restringirá ao universo arendtiano, indo além, por meio de referências à Freud, Albert Schweitzer, Adorno e Vygotsky.

Para explorar a temática dos refugiados venezuelanos e da pandemia, o autor traz tanto as suas experiências de campo, quanto fotografias tiradas por ele próprio e que foram reunidas em dois livros, *Entre médicos e imigrantes* e *Travessias*.

Espera-se que o diálogo proporcionado por este texto possa instigar curiosidades, dúvidas, quiçá algumas respostas, e que se torne um instrumento de ação para que a dignidade da pessoa humana seja, efetivamente, promovida.

Hannah Arendt e os refugiados

Hannah Arendt, filósofa judia que viveu no século XX, passou por grandes provações, como a experiência nas Guerras Mundiais e a de ser uma refugiada nos Estados Unidos. A primeira experiência destacada foi uma das maiores catástrofes já existentes, e a segunda, que se casa com a primeira, lhe foi por demais terrível também. Ainda que Arendt, enquanto intelectual, tivesse acolhida nos Estados Unidos, mormente em jornais e universidades, ela se considerava uma apátrida dentre tantos apátridas, e isso para não se colocar acima de seus irmãos judeus refugiados. Por ter vivido nos Estados Unidos, por ter sido forçada a sair da Alemanha, sua terra natal, ela se via sempre uma refugiada, o que, segundo a perspectiva da filósofa, é sinônimo de apátrida. Para efeitos práticos, os refugiados são apátridas, posto que não têm direitos de cidadania no país em que estão, portanto, “(...) nunca serão cidadãos do país de refúgio” (ARENDDT, 1989, p. 314).

Outro filósofo, que viveu profundamente a experiência das Guerras, foi Albert Schweitzer, que depois dos trinta anos fez Medicina e foi atuar nas florestas do Gabão. O médico-filósofo chegou a fazer uma trágica constatação: os europeus, que se empenharam por evangelizar o continente africano, estavam se enfrentando, e isso era um contratempo que traria muitos prejuízos. O pensador comenta este fato, ao narrar o Natal de 1914:

Sabemos que muitos nativos se perguntam como é que os brancos que lhes trazem o Evangelho do amor se massacram entre si, agora, desdenhando os ensinamentos de Jesus Nosso Senhor. Quando nos perguntam isso, ficamos sem jeito. Interpelado a tal respeito por negros que refletem, não procuro explicar nem tirar efeito; respondo que nos encontramos na presença de qualquer coisa incompreensível e medonha. Só mais tarde é que se poderá avaliar o prejuízo que a guerra causou à autoridade moral e religiosa que os brancos tinham sobre os negros. Temo que os danos sejam imensos (SCHWEITZER, 2010, p. 141).

Logo se vê que é possível olhar o tanto de problemas que as guerras criaram, sendo que o passaporte só foi efetivamente, regulamentado, após a Primeira Guerra, pois antes, por mais que houvesse algum controle alfandegário, ainda não havia um controle rígido de quem entrava e de quem saía. Adorno traz essa temática, por exemplo, em *Educação e Emancipação* (2008), sendo ele próprio obrigado a sair da Alemanha.

É claro que a perseguição aos judeus não se deu apenas no período da Alemanha nazista, até porque tal perseguição é mais antiga. Por exemplo, na Rússia de Vygotsky havia cotas (baixíssimas) para judeus; poucas vagas poderiam ser preenchidas por judeus nas universidades¹.

Sobre o incômodo, em relação aos judeus, Freud (1975) analisou profundamente em *Moisés e o Monoteísmo*, sendo que por esse povo ter passado por inúmeras perseguições, teve de apreender a sua história nas memórias de suas pessoas, o que permitiu, ao longo dos anos, o desenvolvimento do intelecto do judeu, a ponto de ser comum artistas, filósofos, músicos e cientistas de descendência judaica. Vejamos as palavras do psicanalista:

Os judeus conservaram o pendor por interesses intelectuais, a desgraça política da nação os ensinou a apreciar o valor do único bem que lhes restara, sua literatura. Logo após a destruição do templo de Jerusalém por Tito, o rabino Jochanan ben Sakkai solicitou permissão para abrir a primeira escola da Torá em Jabne. Dali em diante, foram as Sagradas Escrituras e o empenho intelectual a elas dedicado que mantiveram unido o povo disperso (FREUD, 1975, p. 159).

1. “Apesar das evidências de sua brilhante capacidade intelectual, Vygotsky, por ser judeu, teve enormes dificuldades para ingressar na Universidade. Nessa época, na Rússia, os judeus sofriam as mais diversas formas de discriminação, tinham de viver em territórios restritos, se sujeitar a um número limitado de vagas nas Universidades (por exemplo, na Universidade de Moscovo apenas 3% das vagas podiam ser ocupadas por estudantes judeus), eram impedidos de exercer todas as profissões etc.” (REGO, 1994, p. 21).

Retornando à Hannah Arendt, ela tem um texto belíssimo, para analisar a situação dos refugiados, um texto curto, mas que faz valer o que Nietzsche dizia acerca de não precisar escrever muito para tocar em coisas profundas. O texto da filósofa é “Nós, os refugiados”, no qual há a seguinte situação, que será analisada em seguida:

Com efeito, o nosso optimismo é admirável, mesmo que sejamos nós a dizê-lo. A história da nossa luta finalmente tornou-se conhecida. Perdemos a nossa casa o que significa a familiaridade da vida quotidiana. Perdemos a nossa ocupação o que significa a confiança de que tínhamos algum uso neste mundo. Perdemos a nossa língua o que significa a naturalidade das reacções, a simplicidade dos gestos, a expressão impassível dos sentimentos. Deixámos os nossos familiares nos guetos polacos e os nossos melhores amigos foram mortos em campos de concentração e tal significa a ruptura das nossas vidas privadas (ARENDDT, 2013, p. 8).

Primeiro ponto a se analisar é que os “guetos polacos”, mormente a máquina de matar chamada campo de extermínio de Auschwitz, dizimou vários, milhares de judeus. A Polónia chegou a ter quase três milhões de judeus antes da II Guerra, e, depois desta, atualmente, não chega a três mil entre Varsóvia e Cracóvia. Há inúmeros livros e documentários que relatam esta situação, que bem poderia ter ocorrido com Hannah Arendt, mas nenhuma experiência é tão forte quanto a de ir a Auschwitz pessoalmente e ver os galpões, inicialmente, feitos para abrigarem cavalos, depois convertidos em depósitos de pessoas à disposição da morte. Isso é a banalização do mal.



Fotografia 1 – Galpões. Auschwitz, 2018



Fotografia 2 – Interior de um galpão. Auschwitz, 2018

Hannah Arendt é crítica da ideia de que basta uma série de princípios e direitos para que a humanidade seja respeitada. Traduzindo: não basta uma declaração da ONU, como a de 1948, para que a humanidade seja de fato respeitada em sua pluralidade. Se não existirem instituições fortes, reais, que façam valer os princípios e os direitos humanos, estes serão tão somente letras de lei. Isso significa que as declarações não são importantes? Claro que são importantes, porém, elas por elas mesmas, são fracas, e o totalitarismo, largamente analisado por Arendt, pode facilmente destruir leis e declarações. Arendt se considerava não uma filósofa, mas uma cientista política, e talvez um dos motivos é que a sua condição de refugiada lhe trazia sempre à frente que a sua vida, por um longo período (talvez sempre), era uma questão de poder, de política.

Os refugiados venezuelanos

É um fato de amplo conhecimento que o mundo é cheio de refugiados: na África, na Ásia, nas Américas, na Europa, na Oceania. Há duas séries trágicas sobre refugiados, nos Estados Unidos, que valem a menção, “Immigration Nation” e “Realidade Não Documentada”, que relatam os bastidores políticos, e também pessoais, da realidade dos imigrantes e refugiados naquele país. A depender de um governo, as políticas são mais flexíveis (como na gestão Obama), a depender são mais rígidas e mesmo cruéis (como na gestão Trump).

Neste horizonte, vale destacar o caso da Venezuela, visto que possui profundo eco no Brasil. A Venezuela, pelo menos desde 2013, passa por uma grave crise política e humanitária, que se agravou a partir de 2015. Por causa dessa situação, o país caribenho tornou-se uma nação em êxodo, afinal, só no Brasil, cerca de mil venezuelanos cruzam, por dia, a fronteira com Roraima. Antes de 2018 não havia grandes estruturas de acolhida, apenas o trabalho de voluntários, igrejas, poucas ONG's e alguma ajuda da ONU. Depois de 2018 foi criada a Operação Acolhida, cuja condução é do Exército brasileiro, e a estrutura, consequentemente, ficou maior.

Retornando aos venezuelanos em êxodo. Eles saem muitas vezes, a pé, de quaisquer pontos de seu país e andam até chegar a Pacaraima e a Boa Vista, cidades de Roraima, atrás de uma nova vida. A maioria entra legalmente, procura suporte de algum órgão federal, como a polícia federal, mas há sempre quem atravessa a fronteira ilegalmente, sendo que há pontos em Santa Elena de Uairén (Venezuela) para que as pessoas façam tal travessia.



Fotografia 3 – Um dos lugares na Venezuela com acesso clandestino ao Brasil. Santa Elena de Uairén, 2019

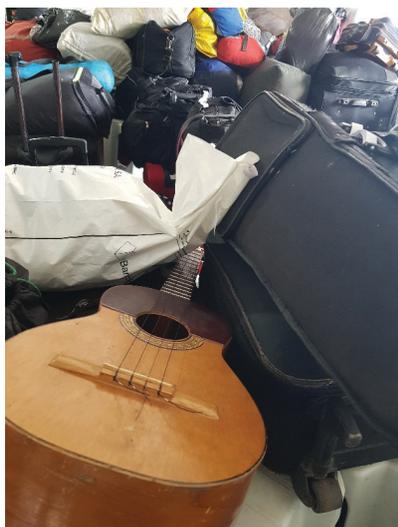
Esta situação, de atravessar ilegalmente, faz lembrar, mesmo que de longe, a situação nos Estados Unidos, em especial quando as pessoas cruzam os desertos do Novo México, do Texas e do Arizona, até chegar ao solo estadunidense. E nessa travessia, o que não faltam são situações trágicas, como a morte.

A humanidade já passou por inúmeras pandemias, é evidente, mas a de 2020, largamente documentada, é um momento único. O próprio autor deste artigo e a sua esposa se contaminaram com a COVID-19 em setembro. As instituições escolares estão há sete meses sem aulas (este texto foi escrito em outubro de 2020),

e tal situação é única. A questão a ser feita é: se a pandemia do novo coronavírus afetou as instituições escolares, tanto mais instituições que vivem às margens, como presídios e, no caso deste artigo, de abrigos para refugiados. Uma das primeiras coisas a se cortar – o que faz valer o ditado de que “a corda arrebenta para o lado mais fraco” – é a ajuda aos “mais necessitados”. No caso dos refugiados, com restrição de passagem pelas fronteiras com Roraima, a situação ficou um tanto mais difícil, e passagens ilegais aumentaram, significativamente.

Se os refugiados, como bem disse Arendt, são pessoas privadas do emprego que tinham, muitas vezes também das famílias, dos amigos, em tempos como o de 2020, a situação fica ainda mais trágica, e a sensação de serem apátridas torna-se mais intensa.

O que se percebe é que, à parte o mundo ser de todo mundo (ideia que bem pode flertar com princípios anarquistas), por questões práticas, é preciso certa organização. Infelizmente, tal organização muitas vezes está longe de ser a ideal, é capenga, cheia de problemas reais. Exemplo: os abrigos para os refugiados são feitos de pobres barracas, pobres estruturas, e a individualidade, praticamente, não existe, pois o modo de organização é coletivo.



Fotografia 4 – Malas no interior da Operação Acolhida. Pacaraima, 2019²

2. Antes de as pessoas serem recebidas no abrigo há um processo de triagem, em relação aos seus pertences, para que seja conferido se existe algo proibido dentro deles, tais como armas e drogas.



Fotografia 5 – Tendas do abrigo “BV8” da Operação Acolhida. Os alojamentos se dividem em masculinos, femininos e familiares. Pacaraima, 2019

Roraima é um estado pequeno, o menor do Brasil, e muitas vezes não aguenta o impacto da imigração do país vizinho. Em 2018, romperam vários conflitos em Pacaraima. Tais conflitos devem ser vistos além do maniqueísmo de bem e mal, isto é, além do rótulo de que os pacaraimenses são xenofóbicos. Não é nada disso. Pode até existir xenofobia, como de fato há, mas não é possível ver algo tão grave e complexo a partir de rótulos. O filme *O ovo da serpente* (1977), de Ingmar Bergman, bem pode favorecer um olhar mais profundo a respeito, e tem uma cena basilar para isso: uma “mulher normal de 30 anos” (termos da própria película) é colocada para cuidar de um bebê com paralisia cerebral, que chorava o tempo todo. Inicialmente a mulher se compadeceu da criança, mas depois não suportou e se irou com ela. A questão dos refugiados é trágica e complexa, conforme dito nesse texto.

Em síntese, o que Hannah Arendt disse sobre não bastarem leis e declarações, mas sim fortes instituições sociais, se verifica no caso dos venezuelanos, mormente em 2020, em tempos de pandemia. Se as instituições não se fortalecerem e não houver uma disposição dos governos e de organismos internacionais, a questão dos refugiados ficará ainda mais grave, o que será um prejuízo para todos, não só do Brasil, mas do mundo.

Considerações finais

É sempre difícil escrever considerações finais sobre um tema tão aberto quanto o do presente trabalho, até porque a pandemia gerada pelo novo coronavírus continua intensa, bem como as trágicas situações dos refugiados continuam cheias de dilemas. Porém, me contentarei se este artigo se tornar, ao fim, uma grande interrogação, e, mais do que isso, que sirva como um instrumento de ação para que a dignidade da pessoa humana seja, efetivamente, promovida.

Albert Schweitzer, em *Filosofia da Civilização*, afirmava que um filósofo, um intelectual, movia mais pessoas do que um estadista, um governador, pois as ideias daquele atravessam séculos, a exemplo das ideias de Platão. Nas palavras do pensador, refutando o próprio Platão:

Erroneamente Platão afirmava que os pensadores deveriam acumular a função de governadores dos Estados. Seu domínio é diverso, superior àquilo que consiste a elaboração das leis e decretos e no exercício do poder público. São oficiais do Estado-maior que na reclusão refletem sobre a batalha a ser combatida com uma visão mais ou menos clara. Aqueles que desempenham um papel na vida pública são suboficiais, que convertem unidades maiores ou menores dessas diretivas em ordens cotidianas, ou seja, que devem irromper nesse ou naquele momento, mover-se daqui para lá e para cá, ocupar este ou aquele ponto. Kant e Hegel regeram milhões que nunca leram sequer uma linha escrita por eles, tampouco souberam que lhes obedeciam (SCHWEITZER, 2013, p. 58).

Portanto, que este trabalho, que aparentemente é só uma publicação em uma revista acadêmica, possa ser visto além da letra pela letra, que é eruditismo, mas que possa cooperar com questionamentos para a humanidade.

Referências

- ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ARENDT, H. *As Origens do Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- _____. *Nós, os refugiados*. Portugal: Universidade da Beira Interior, 2013.
- FIGUEIRA, F. *Entre médicos e imigrantes*. Curitiba: CRV, 2018.
- _____. *Travessias*. Curitiba: CRV, 2020.

FREUD, S. *Moisés e o Monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SCHWEITZER, A. *Entre a água e a selva: narrativas e reflexões de um médico nas selvas da África equatorial*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. *Filosofia da civilização: Queda e reconstrução da civilização*. Cultura e ética. Tradução de Petê Rissatti. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

Artigo recebido em 29/10/2020 e aprovado para publicação em 12/11/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i38-2020-6>

Como citar:

FIGUEIRA, Felipe Luiz Gomes. Hannah Arendt, os refugiados venezuelanos e a pandemia. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 38, p. 253-262, jul./dez. 2020. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br